

“A impunidade e o trauma familiar retratados pela revista *Caros Amigos*”
por Michel Felipe S Pires

Eu não vou sossegar porque o que eu tinha que perder já perdi. Agora, o que eu tenho, a minha vida? Quero que se dane!”

Flávia Soares, para *Caros Amigos*

As relações de poder estão presentes na história da humanidade desde seus primórdios, em especial na história da Europa ocidental e América pós-colonial, locais onde tais relações foram sempre muito fortes. A moralidade do homem diz-se ser estabelecida pelas suas ações, mas torna-se um grande peso em tal definição a quantidade de poder detido nas mãos. Uma mesma ação praticada por pessoas de classes distintas receberão tratamentos igualmente distintos e o abuso de poder torna-se prática recorrente nas relações político-sociais e nas lutas de classe.

Em reportagem na revista paulista mensal *Caros Amigos*, em maio de 2010, intitulada “Grupos de extermínio matam com certeza de impunidade”, a repórter Tatiana Merlino trata dos casos de impunidade nas ações de grupos de extermínio na Baixada Santista, nos períodos de 18 e 26 de abril do mesmo ano, no qual é tida como suspeita a participação de policiais. A reportagem ganhou menção honrosa na categoria Revista do Prêmio Vladimir Herzog de 2010.

Tatiana começa com o relato dos assassinatos de Erich, 21 anos, e seu amigo Marcos Paulo, 18, no bairro Catipoã, em São Vicente. Os dois foram abordados por duas motos e cercados por um carro Siena Preto, na madrugada do feriado de Tiradentes e atingidos por mais de 10 disparos por homens encapuzados que montavam as motos.

Segundo a reportagem, desde o episódio do “maio sangrento”, em 2006, várias ações com o mesmo perfil foram ocorridas em Santos e na baixada, todas elas posteriores à morte de um policial ou com perfil de “queima de arquivos” – como o caso de Alessandra Aparecida Matos Madeira, de 29 anos,

que teria sido assassinada em frente a sua casa por um homem encapuzado, pouco mais de um mês após ela ter testemunhado o assassinato de Rafael, 16, pelas mãos de Policiais Militares. Foram sete disparos contra Alessandra.

Tatiana Merlino ainda fala que, nas perícias dos casos, não foram encontrados cartuchos e projéteis nas cenas dos crimes. Segundo testemunhas mantidas sob sigilo pela repórter, no assassinato de uma família ocorrido em Campinas, policiais militares teriam chegado ao local logo após a saída dos assassinos e recolheram todos os projéteis encontrados, antes de ser feita a perícia.

A matéria nos traz relatos de diversos familiares dos casos apresentados, retratando o trauma causado pelas tragédias familiares e impunidade, com um toque literário, mas certo e objetivo. No que provavelmente seja um dos momentos mais tristes do texto de Merlino, mãe de Marcos Paulo (cujo caso foi relatado no início do presente estudo), a enfermeira Flávia Soares relata à reportagem: “Eu não vou sossegar porque o que eu tinha que perder já perdi. Agora, o que eu tenho, a minha vida? Quero que se dane! Eu vou até o final. Nem que para isso um dia vocês escutem: mãe de Marcos Paulo foi assassinada”. Ela fala ainda sobre a violência presente nas periferias, praticada em geral por policiais militares, e aproveita o veículo para protestar contra a conformação das autoridades, mídia e da própria população perante tal violência: “Quer dizer que quem é de periferia não pode viver, não tem direito de sair na rua à noite?”.

A retratação do trauma familiar na reportagem dá à mesma um tom de militância, dando voz àqueles que convivem de perto com o terror da violência de tais grupos de extermínio e a incerteza que toma forma em suas vidas, e na vida de seus filhos, familiares e amigos. O texto merece aclamação por sua ética, não apenas por ter caráter militante e sensibilidade nos relatos dos traumas, mas por todo um conjunto de atuações que vão ao encontro com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, como: o uso pela repórter de seu direito de resguardar o sigilo de determinadas fontes, zelando pela integridade das mesmas e tendo a preocupação de não expô-las visto a situação de risco, o que pode ser observado em todo o texto da reportagem. Tatiana também

acerta ao opor-se ao autoritarismo, ao abuso de autoridade e à opressão, atuando como defensora dos princípios expressos na Declaração dos direitos Humanos (do qual ela própria foi organizadora do relatório entre 2010 e 2012, período posterior à reportagem), estando, portanto, de acordo com artigo 6º, parágrafo I, do código de ética dos jornalistas brasileiros.

Para além de todos esses pontos eticamente positivos apresentados, a reportagem deve ser parabenizada também pela consulta a várias fontes, inclusive oficiais, a não precipitação de acusação, dando ênfase para o status de suspeitos (exceto para os PMs já acusados e detidos). Em momento algum da reportagem a repórter falta com respeito a algum envolvido e ouve versões de ambos os lados, mas mostra-se organicamente ao lado daqueles mais atingidos por esse recorrente abuso de poder e autoridade: a população à margem dessa relação de poder, o povo.



Flávia Soares, mãe de Marcos Paulo, ouvida na reportagem.

Bibliografia:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Tatiana_Merlino

acervo do prêmio Vladimir Herzog: <http://www.premiovladimirherzog.org.br>

http://www.premiovladimirherzog.org.br/arquivo/caros%20amigos%202010_2010_10_27_15_41_10.pdf